



Valor Agrícola de Nova Geração

“Porém, o (...) que conviria por em prática, é justamente o que mais repugna à maioria dos professores e não professores, sendo pois uma utopia pensar-se que uma reforma profícua do nosso ensino possa realizar-se pelo voto e com o assentimento dos próprios corpos docentes das escolas que precisam ser melhoradas (...). Se os professores que os compõe tivessem geralmente a aspiração de mudar de rumo, fá-lo-iam por sua iniciativa.”

Alfredo Bensaúde, In: Notas Histórico-Pedagógicas sobre o Instituto Superior Técnico (1922)

A geração que frequenta atualmente o ensino superior agrário tem uma grande responsabilidade: criar valor através da incorporação de conhecimento em produtos e processos agrícolas, no seio de organizações inseridas em complexas cadeias de abastecimento. E, estou convicto, terá o mérito adicional de o conseguir apesar dos (per)curso escolares concebidos e aprovados por comissões académicas e conselhos científicos acomodados no conforto de uma outra geração.

Esta geração de agrónomos não será empregada pelo Estado como foram as anteriores, não constituirá uma «legião de orçamentívoros», enfrentará uma taxa de obsolescência do conhecimento técnico sem precedentes, trabalhará por projetos e não terá “carreira”. Findo o curso, esta geração não entrará numa corporação com funções cativas, mas enfrentará uma forte concorrência profissional em toda e qualquer função que possa desempenhar.

Em breve, terão um grau académico acreditado nos termos da lei portuguesa e reconhecido no Espaço Europeu de Ensino Superior. E entrarão num espaço de geometria variável onde se combina a oferta e a procura de profissionais (há quem lhe chame mercado). Todos terão certificados abundantes, mas só alguns terão competências escassas. A lei da oferta e da procura ditará o resultado do equilíbrio. Os agrónomos desta geração trabalharão em e para organizações que não têm mercados protegidos ou duradouros e que, por isso, terão de cultivar a mudança (há quem lhe chame inovação). Os gestores irão lamentar a falta de recursos humanos adequados às necessidades das suas organizações; os candidatos irão queixar-se de falta de oportunidades. Ambos terão razão.

O ensino superior agrário nacional prepara bem os seus estudantes nalgumas componentes do saber, tal como é entendido na sociedade do conhecimento. Noutras áreas, está à procura de rumo e não é capaz de liderar a mudança imposta pelas tecnologias da informação e da comunicação, nem absorveu adequadamente o avanço nas tecnologias da produção. As competências cujo desenvolvimento dependem do ar que se respira podem melhorar significativamente nas escolas e departamentos agrários. Contam-se entre estas o desenvolvimento nos alunos da capacidade de realizar, afinal, a essência da engenharia.

Sei que não existe uma correlação entre desempenho académico dos alunos, medido através das médias

finais de curso, e o desempenho profissional. Sei que o ensino superior agrário nacional está envelhecido, entrincheirado, sem rasgo. Sei que está descapitalizado e que os recursos se encontram dispersos por uma miríade de instituições que a economia nacional não consegue manter.

Como Alfredo Bensaúde, organizador do Instituto Superior Técnico e seu primeiro diretor (1911-1920), não tenho grande fé na capacidade de regeneração endógena das instituições de ensino superior portuguesas. Subscribo hoje a análise feita por Bensaúde em 1922 sobre os professores universitários: «uns por espírito de rotina, outros por certo receio do que lhes é desconhecido, outros ainda pelo temor de perderem situações de que gozam, resistirão a qualquer iniciativa reformadora que pretenda alterar, na essência, o sistema a cuja sombra se habituaram a viver». Sem a exigência dos estudantes, dos profissionais e dos empregadores, o sistema acumulará atrasos que a sociedade que o financia não pode aceitar.

Tenho o dever de deixar que a nova geração faça mais e melhor do que a minha está a fazer. Acredito no Valor Agrícola da Nova Geração. Uma geração de agrónomos confortáveis com a “bota”, com a “bata” e com a “gravata”. Que está à vontade no campo, no laboratório ou na sala de reuniões do conselho de administração. Sei que os estudantes de agronomia desta geração serão melhores profissionais do que foram as gerações anteriores.

A APH assumiu um papel – será um agente ativo no apoio à transição dos futuros engenheiros agrónomos para o mercado de trabalho.

Estamos a acompanhar o trabalho do grupo de métodos de ensino da Horticultura da nossa congénere americana, como podem ver na entrevista de Brian Pearson. Os participantes nas 24H Agricultura que a APH e o IAAS promoverão anualmente testarão as suas competências e verificarão que é necessário passar do geral para o concreto, aplicar saberes, adotar uma abordagem por problemas e oportunidades e não por disciplinas. Os estudantes e recém-licenciados que sintam necessidade de complementar as suas competências são bem-vindos para o fazerem no seio da APH. ■

Domingos Almeida

Presidente da APH

presidente@aphorticultura.pt